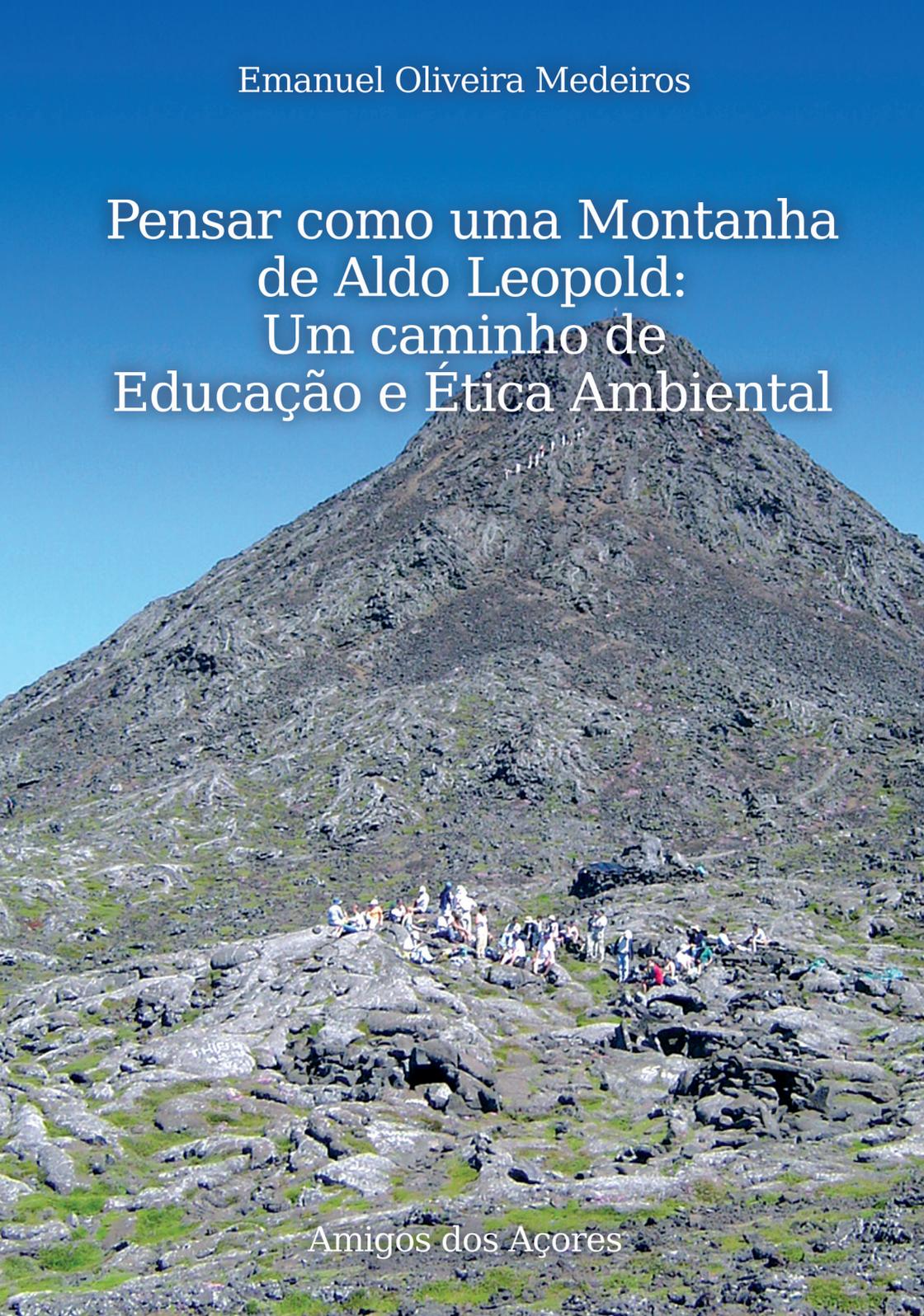


Emanuel Oliveira Medeiros

# Pensar como uma Montanha de Aldo Leopold: Um caminho de Educação e Ética Ambiental

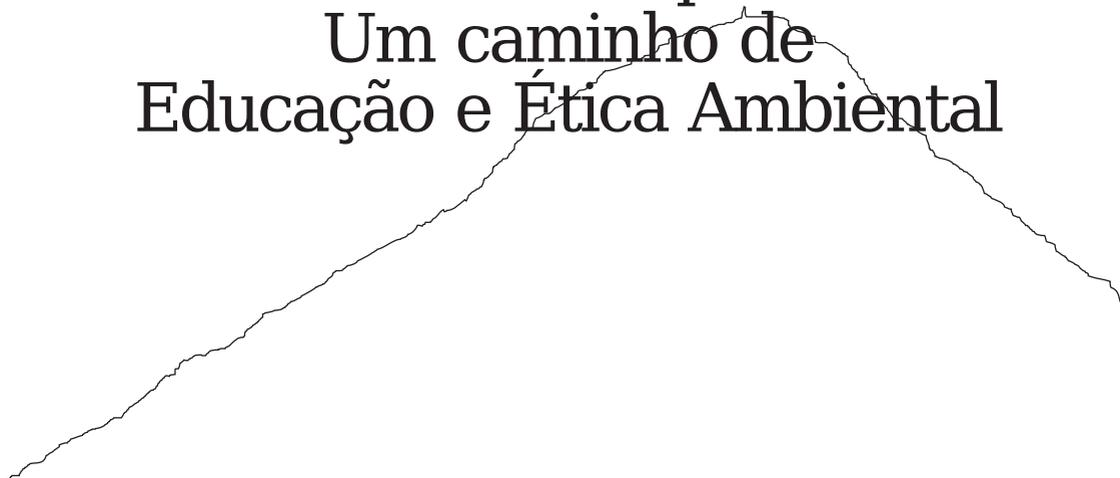
Amigos dos Açores





Emanuel Oliveira Medeiros

Pensar como uma Montanha  
de Aldo Leopold:  
Um caminho de  
Educação e Ética Ambiental



Amigos dos Açores



# Índice

5 INTRODUÇÃO

7 PENSAR COMO UMA MONTANHA, DE ALDO LEOPOLD:  
UM CAMINHO DE EDUCAÇÃO E ÉTICA AMBIENTAL  
Emanuel Oliveira Medeiros, Universidade dos Açores

29 Bibliografia

31 Ficha Técnica



# Introdução

Esta publicação *Pensar como uma Montanha, de Aldo Leopold: Um Caminho de Educação e Ética Ambiental*, resulta do texto de apresentação do livro *Pensar como uma Montanha*, de Aldo Leopold, tradução portuguesa de "A Sand County Almanac" (*Almanaque do País das Areias*), em boa hora levada a efeito pelas Edições Sempre-em-Pé, da responsabilidade do Dr. José Carlos Costa Marques.

A apresentação do livro ocorreu no dia 4 de Junho de 2008, às 20h 30m, na Biblioteca da Escola Secundária das Laranjeiras, em Ponta Delgada, S. Miguel, Açores.

Renovo, neste contexto de publicação, os meus agradecimentos ao Dr. Teófilo Braga e aos Amigos dos Açores - Associação Ecológica o convite que me fizeram para apresentar o livro acima referido. Foi para mim uma honra, que de novo agradeço e registo publicamente. Quero também agradecer, muito reconhecido, a proposta que me fizeram para publicar o texto com a chancela da referida Associação.

Revejo-me na capa que escolheram para esta publicação. A Montanha do Pico é um Património de todos nós, açorianos. Tem também, para mim, um significado pessoal e profissional. Observei-a diariamente durante um ano e dois meses das Lajes do Pico. Embora ilhéu micaelense, foi na Ilha do Pico que senti o que é a verdadeira insularidade. Foi lá que me efectivei, por opção, antes de ingressar na carreira académica, na Universidade dos Açores, em Novembro de 1992.

Emanuel Oliveira Medeiros



## ***Pensar como uma Montanha*, de Aldo Leopold: Um caminho de Educação e Ética Ambiental**

**Emanuel Oliveira Medeiros**  
Universidade dos Açores

Em primeiro lugar, quero agradecer à Associação Amigos dos Açores, na pessoa do Dr. Teófilo Braga, o honroso convite que me fez para apresentar o livro de Aldo Leopold ***Pensar como uma Montanha***, tradução portuguesa de "A Sand County Almanac"(Almanaque do País das areias), em boa hora levada a efeito pelas Edições Sempre-em-Pé, da responsabilidade do Dr. José Carlos Costa Marques.

Este livro constitui um contexto, um texto e um pretexto. O contexto original é os Estados Unidos da América, é um texto de carácter científico, com claro pendor de prosa poética e filosófica e é um pretexto - no melhor dos sentidos - para falarmos sobre questões de Educação e Ética Ambiental.

Aldo Leopold(1887-1948), licenciado em Ciências florestais, nasceu em Burlington, Iowa, EUA, e aí passou a sua infância próximo do rio Mississipi. Como se pode ler nos seus elementos biográficos, desde criança e jovem interessou-se pelos pássaros e pela história natural, "tendo passado muito tempo pelos bosques, pradarias e bosques de Iowa, então num estado relativamente natural". Foi uma "figura pioneira do movimento americano da protecção da natureza e defesa da fauna e flora selvagem". Aliás, o próprio livro tem um índice de fauna e flora que dá conta de uma grande diversidade na natureza.

Foi, pois, um pensador norte-americano que, pensando a realidade ecológica dos Estados Unidos, alargou a sua reflexão a muitas outras zonas do Planeta. Este livro de Aldo Leopold, publicado em 1949, revela um pensamento sem fronteiras.

Paradoxalmente, ou talvez não, foi na caça que o autor adquiriu um "saber de experiência feito" que o levou a consolidar a sua paixão e o seu conhecimento da natureza. Aliás, essa experiência e prática, em articulação com o seu saber teórico, levou-o a escrever o livro *Gestão da Caça*. O próprio Aldo Leopold deu o exemplo ao progredir de formas mais agressivas para formas menos agressivas de caça, até evidenciar a relevância da "caça" fotográfica, um modo inofensivo de apreender o objecto da sua paixão e maravilhamento: a natureza. Daí a importância dada à percep-

ção. É o autor que afirma: "Promover a percepção é a única parte verdadeiramente criativa da indústria da recreação ao ar livre"(Leopold: 165). Daí a importância da fotografia, da observação de animais e plantas. O troféu - que sempre foi o grande objectivo simbólico do caçador - dará lugar a formas mais altruístas de relação com a Natureza.

Este é um livro que nos faz sentir e pensar sobre muitas questões, num registo que tem tanto de realista como de poético, se é que a poesia não é um dos modos mais profundos e concretos de dizer a realidade. Por entre tantos nomes de plantas e animais, numa diversidade ecológica, sentimos o apelo para uma "ética da terra" como adiante veremos. Mas ler e fruir este livro é também uma oportunidade para deixar emergir reflexões que nos remetem para a educação e ética ambiental.

Façamos, assim, uma incursão por esse caminho.

Na longa História da Humanidade somos infinitamente pequenos. A consciência dessa pequenez deveria ser uma das nossas grandezas.

Bem vistas as coisas, o sentido positivo das questões ambientais parece remontar à criação do Mundo. Na versão do Livro dos *Génesis*, podemos ler:

"Deus disse: "Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo sementes." E assim aconteceu. A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto segundo as suas espécies, com a respectiva semente. Deus viu que isto era bom." (*Génesis* 1, 11-12)

O mundo foi criado e a referência à terra foi desde logo ecológica: "verdura", "erva com semente", "árvores frutíferas". A natureza foi, desde sempre, una e diversa. A diversidade é talvez a chave original para a compreensão das questões ambientais e até humanas.

É sob o signo da preservação da diversidade que estamos preocupados e ocupados, aqui e agora, com as questões ecológicas e do ambiente. Na sua essência são questões educativas. Daí a relevância da Educação ambiental. Antes de mais não como disciplina ou área do conhecimento mas como atitude cultural e de vida.

É da maior importância definir e percorrer caminhos que capacitem todos para uma tomada de consciência sobre questões nucleares da Educação e da Ética Ambiental na Sociedade Contemporânea.

A contemporaneidade exige a vivência do presente mas também a sua interpretação, tendo em vista uma intervenção consequente em termos de cidadania. A Educação coloca-nos desafios de formação pessoal e cívica, bem como a tomada de consciência de que os problemas ambientais são cada vez mais problemas de todos. Todavia, não basta colocar os problemas ambientais, é preciso enraizá-los nas questões da Educação que nos faz ser pessoas, cidadãos e profissionais livres, conscientes e responsáveis. Vivemos hoje sob o signo de uma *responsabilidade* partilhada. A *Casa-Mundo*, na qual vivemos e habitamos, exige a convergência de esforços de diversos organismos e entidades em diferentes planos: locais, regionais, nacionais, europeus e mundiais para a sobrevivência do Planeta e nele cada pessoa e a espécie humana. Cada ser humano, nos seus diversos níveis de responsabilidade, deve sentir-se interpelado por um *cuidado ético* com o mundo que nos rodeia.

As consequências da utilização abusiva dos recursos naturais, com base no pressuposto do paradigma de exploração sujeito-objecto, ao nível micro e macro, levam-nos, hoje, a tomar consciência de que os recursos da Natureza são bens escassos e de grande valor. A nossa relação com a natureza deve assumir, por isso, uma perspectiva axiológica. Os outros humanos - nossos próximos, por mais longe que estejam - merecem-nos todo o nosso respeito mas a nossa relação com a natureza (outro em alteridade assimétrica) também exige respeito, até porque ao respeitarmos o ambiente natural também nos respeitamos a nós próprios. Dependemos do universo físico e do ambiente natural. Embora possa haver uma primeira atitude de egoísmo - respeitamos o universo para nossa sobrevivência -, depois desenvolve-se um sentido de respeito que traz consigo a consciência de responsabilidade perante o futuro e as novas gerações. Essa atitude de fundo só ganha raízes se perspectivada numa dimensão profundamente educativa. Como diria Lévinas, somos responsáveis perante os outros, o outro totalmente outro. O Mundo natural é plena abertura e enche-nos os pulmões de oxigénio e recoloca-nos na situação de habitantes terrestres, embora com o olhar dirigido para o Alto.

Para pensarmos a fundo as questões da educação e da educação ambiental, talvez seja necessário recuperar outras categorias que têm estado afastadas das nossas análises. Realço a dimensão do Mistério. O mistério de

nós como humanos e o mistério do mundo no qual habitamos e nele a maravilha da Natureza. A mentalidade industrial e burocrática funcionalizou tudo, dissecou a natureza e fez do ser humano uma máquina manipulável e manipuladora. Urge, pois, recuperar a dimensão antropológica e axiológica no nosso olhar face ao mundo. A natureza-mundo não é apenas objecto da nossa acção e intervenção, é também sujeito da nossa contemplação e da nossa fruição. Torna-se necessário articular acção e contemplação. A acção desenfreada pode levar à erosão irresponsável e muitas vezes irremediável dos bens naturais. É preciso que o desenvolvimento seja integrado e sustentável.

Quem nasceu e vive nos Açores, como é o nosso caso, sente que a Natureza é um bem valioso e sem preço. Temos lindas paisagens mas em cada momento elas ensinam-nos que o paraíso pode perder-se se não houver um cuidado permanente e formas de intervenção para recuperar, por exemplo, as nossas lagoas, que sentimos que estão a agonizar. O que se passa aqui passa-se noutros pontos do planeta. Hoje há cada vez mais uma ligação entre o elemento local e universal. As questões do ambiente dizem respeito a todos e em todos os lugares. As alterações climáticas demonstram como é inadiável um outro tipo de intervenção para salvar o Planeta Terra. Há muito, Edgar Morin fala, com pleno acerto, no paradigma perdido. Esse paradigma é integral e integrador. É o paradigma em que a pessoa e o universo físico estão em sintonia. Perdeu-se esse sentido de integralidade congénita com a Natureza. A racionalidade instrumental e técnica imperou e impôs-se. Temos, pois, necessidade de uma racionalidade afectiva e amorosa, uma racionalidade de acolhimento e de discernimento. Para isto, urge, também, desenvolver a sensibilidade. É muito importante estar desperto e sensível para os sinais de desgaste físico e humano que o paradigma da modernidade trouxe.

A nossa relação com o mundo e com os outros não é apenas - nem talvez principalmente - uma relação de explicação mas de profunda compreensão. A compreensão deve ser holística e acolher a diversidade num mundo que é cada vez mais igual e impõe o uniformismo, que é muito diferente de universalidade. Somos iguais em dignidade mas diferentes nos processos educativos e de realização. É da maior relevância dar atenção à diversidade no mundo contemporâneo. A diversidade, nas suas múltiplas realidades, resiste à redução da mesmidade.

É importante pôr em relevo estes dois conceitos: "antropodiversidade" e "biodiversidade". O radical da palavra é "diversidade". Trata-se de uma palavra muito significativa na contemporaneidade educativa, filosófica, cultural e ambiental. No fundo, a diversidade é que permite percursos múltiplos e a configuração de identidade(s). A Humanidade que há em cada um não é uma clonagem mas um modo singular de cada um *ser* a pessoa que, no fundo, é. Essa singularidade deve exprimir-se em experiências e vivências, isto é, num currículo de existência e de coexistência. Só uma consciência não massificadora e não manipuladora pode acolher o sentido da educação e da ética ambiental, sem prejuízo das transformações qualitativas e axiológicas que devemos introduzir no mundo físico-natural e humano.

As questões da Educação e da Ética Ambiental levam-nos a enunciar a intervenção de vários sujeitos e dimensões: o eu, os outros, o mundo-natureza, bem como os problemas da relação, da interacção entre esses vários elementos.

Hoje as questões ambientais estão cada vez mais presentes na vida de todos os cidadãos. Há, por isto, uma maior atenção aos problemas do ambiente embora, muitas vezes, a essa consciência não se siga uma actividade consequente no sentido de intervir positivamente na natureza e no meio ambiente.

Desde logo, em termos conceptuais e de paradigma, tem-se alterado o nosso modo de estar no mundo e os nossos modos de concebermos e de nos relacionarmos com a natureza, nos Séculos XX-XXI, quer por razões externas quer por motivações intrínsecas.

Desde sempre, a natureza atraiu a atenção das pessoas e dos pensadores. Basta termos bem presente os filósofos pré-socráticos para os quais o mundo exterior, a natureza, constituía objecto de investigação e reflexão.

Para os pré-socráticos, há uma preocupação objectiva de conhecer a realidade física, a Natureza, mas reduzindo a sua explicação a um princípio ou elemento unificador. Talvez estivesse já aí uma atitude científica que trazia já uma certa propensão para não considerar a diversidade e a multiplicidade dos elementos. Numa linguagem contemporânea, diríamos que os pré-socráticos não souberam observar e considerar a biodiversidade.

Com Sócrates - o filósofo grego - há uma viragem para uma filosofia antropológica. O foco de interesse já não é o mundo exterior, a natureza, mas sim o homem na sua interioridade de pendor universal, expressa na divisa "Conhece-te a ti mesmo". Essa dualidade entre o mundo físico e a componente antropológica, em algumas épocas de carácter antropocêntrico, irá marcar muito a civilização ocidental e talvez constitua a base mais longínqua para percebermos, hoje, as origens da dualidade entre o Homem e a Natureza. Hoje essa dualidade tem dado progressivo lugar, como vimos, a uma visão integral e integradora, tal como está bem expresso nas investigações, reflexões e escritos de Edgar Morin. A Epistemologia da Complexidade, defendida por Edgar Morin, afirma-se por oposição à epistemologia cartesiana, que cindiu a "res cogitans" da "res extensa". Aliás, toda a concepção da filosofia e da ciência modernas (séculos XVI-XVII - e em grande parte o iluminismo do século XVIII -) tenderam a coisificar a natureza, reduzindo-a às suas propriedades lógico-matemáticas, como ficou bem expressa na visão de Galileu, Copérnico e Newton, entre outros. Para a Ciência Moderna o mundo estava expresso em caracteres matemáticos e era com essa linguagem que devia ser entendido e decifrado. O Mundo Natural, biológico, ficou esvaziado conceptualmente e passou-se a ter uma visão que veio a sedimentar uma racionalidade técnica e tecnológica.

Apesar dos esforços meritórios de Rousseau (séc. XVIII) de reconduzir o homem ao seu estado natural e ao contacto educativo com a natureza, a verdade é que o paradigma cientificista, de carácter positivista, marcou o século XIX, e, ao longo do século XX, a Ciência, Tecnologia e Técnica foram concebidos como factores de progresso e de crescimento económico. Foi o percurso da Sociedade industrial para a pós-industrial. Na sua ânsia de ter, de explorar, de consumir, o Homem perdeu de vista que os recursos naturais são limitados. Depois dos efeitos colaterais nefastos da era industrial e pós-industrial, o Homem, através de movimentos inicialmente minoritários, foi adquirindo uma tomada de consciência ambiental. Hoje a problemática ambiental é uma preocupação de todos.

Hoje, as questões ambientais interpelam-nos de um modo muito vivo e actuante. Mas para os grandes visonários, porque homens de acção e de pensamento dirigido para o longe, as problemáticas do Ambiente e da

Conservação da Natureza já eram uma (pre)ocupação palpável e visível. É o caso exemplar e paradigmático de Aldo Leopold com o seu livro *Pensar como uma Montanha*. Este belo livro, - metafórico, desde logo, no seu título -, faz-nos tomar consciência, de modo muito nítido, da relevância de uma "ética da terra" e da interconexão entre os sistemas vivos. Trata-se de um livro que foi originalmente publicado em inglês, em 1949, e agora traduzido para português, através das edições Sempre-em-Pé, sob a direcção do Dr. José Carlos Costa Marques. Foi uma decisão lúcida e oportuna, da qual fica o registo público.

Nas páginas deste livro, sentimos o pulsar de Aldo Leopold que observa, regista, reflecte, coloca em questão modelos de desenvolvimento que põem em causa a vida selvagem como reserva quase imaculada da Natureza. Afirma o autor: "começámos a interrogar-nos sobre quem teria escrito as regras do progresso"(Leopold, 2008: 134).

O autor fala de muitas espécies de fauna e de flora, raras e a preservar. Há uma imensa diversidade de animais e de plantas que ainda vai a tempo de preservar. Ao longo do livro, o autor faz notar, de modo explícito ou implícito, que a intervenção desregulada do homem na natureza gera uma sucessão de desequilíbrios que quebra a estruturação vital e ecológica.

É um viajante atento e que expressa muitas vezes o que observa de modo poético, fazendo-nos entender que a linguagem da poesia pode estar em diálogo com a linguagem da Ciência. Afirma Aldo Leopold:

"O vento que toca música nos milheirais de Novembro está cheio de pressa. Os caules sussurram, as cascas vazias das maçarocas são sacudidas para o céu em torvelinhos que parecem brincar, e o vento apressa-se.

No pântano, longas vagas de vento ondulam através dos lameiros cheios de erva, batem contra os longínquos salgueiros. Uma árvore tenta protestar, acenando com os seus troncos despidos, mas não há meio de deter o vento.

Na barra de areia há apenas vento e o rio que desliza em direcção ao mar. Cada punhado de erva desenha círculos na areia. Deambulo pela barra em direcção a um tronco trazido pela corrente, no qual me sento a escutar o bramido universal e o tinido das pequenas ondas na margem. O rio está sem vida: nem um pato, nem uma garça-real, falcão dos pântanos ou gaivota deixou de procurar refúgio contra o vento.

[...]

O bando emerge das nuvens baixas, um esfarrapado estandarte de aves, mergulhando e erguendo-se, juntando-se e afastando-se, mas avançando, com o vento a batalhar amorosamente com cada bater de asas. Quando o bando já não é mais que uma mancha no céu longínquo, ouço o último grasnar, dobrando a finados pelo verão. " (Leopold, 2008:77).

Este é um discurso de alguém que ama a Natureza, de alguém amigo da Natureza. A Natureza é vista e sentida como uma realidade vital e até amorosa. É o sentido do cuidado ético com a Natureza. A atitude de cuidado implica sentido de responsabilidade. A Natureza apresenta-se como uma alteridade perante a qual se tem respeito. Emerge, até, a atitude de admiração, que é tão característica do filosofar. Hoje, contra a vertigem do tempo, contra as enxurradas de devastação, importa saber conservar e preservar. Estas duas palavras não são do passado, são reservas de futuro.

O título deste livro é retirado de uma expressão do próprio autor. Na página 128 podemos ler o título "Pensar como uma Montanha". De um modo realista, mas também emotivo, a natureza é vista não propriamente de modo antropomórfico mas de forma poética, isto é, como se o homem, o sujeito, não tivesse a autoridade civilizacional de destruir e aniquilar a seu bel prazer. O homem é como que convidado a escutar os segredos da natureza, não através das grelhas lógicas e analíticas mas através do modo próprio como a natureza se manifesta e se mostra, isto é, como revela o seu ser, ao homem, que mesmo sendo caçador é sensível e no momento em que o é tudo se transforma.

É de rara beleza a seguinte passagem:

"Um uivo das profundezas ecoa de orla em orla rochosa, rola montanha abaixo e extingue-se na longínqua escuridão da noite. É a erupção de uma dor selvagem e desafiadora, cheia de desdém por todas as adversidades do mundo.

Todos os seres vivos (e talvez muitos dos mortos também) prestam atenção a esse grito. Ao veado ele lembra a condição a que está sujeita toda a carne, ao pinheiro a previsão das escaramuças da meia-noite e de sangue sobre a neve, ao coioite a promessa de despojos a haver, ao vaqueiro uma ameaça de prejuízo no banco, ao caçador um desafio, presa de fera contra bala de espingarda. Apesar disso, por trás dessas óbvias e imediatas esperanças e medos, reside um significado mais profundo, que apenas a montanha conhece. Só a montanha viveu o bastante para escutar objectivamente o uivo de um lobo.

[...]

Só o principiante mais obtuso pode deixar de sentir a presença ou ausência dos lobos, ou de reconhecer que as montanhas têm uma secreta opinião acerca deles.

A minha própria convicção neste domínio data do dia em que vi morrer um lobo.

[...]

Nesses tempos nunca tínhamos ouvido dizer que se pudesse desperdiçar uma oportunidade de matar um lobo. Num segundo, começámos a atirar chumbo sobre a pilha, mas com mais excitação que exactidão: fazer pontaria de cima para baixo de uma abrupta vertente confunde sempre o atirador. Quando esvaziámos as espingardas, a velha loba tinha sido abatida, e um dos cachorros arrastava uma perna pelas rochas escorregadias impossíveis de transpor.

Chegámos junto da velha loba a tempo de observar um altivo fogo verde a morrer nos

olhos dela. Compreendi nesse momento, e nunca mais deixei de o saber, que havia algo de novo para mim naqueles olhos - algo que apenas ela e a montanha conheciam. Nesse tempo eu era jovem, e cheio de prontidão no gatilho; pensava, porque menos lobos significavam mais veados, que o desaparecimento total dos lobos seria o paraíso dos caçadores. Mas depois de ter visto aquele fogo verde a extinguir-se, senti que nem o lobo nem a montanha concordavam com essa maneira de ver.

Desde então vivi o suficiente para ver estado atrás de estado extirpar os seus lobos.

[...]

Suspeito agora que, exactamente como uma manada de veados, vive no temor mortal dos lobos, assim vive a montanha no temor mortal dos veados. E talvez com mais razão, pois que enquanto um veado abatido pelos lobos pode ser substituído em dois ou três anos, uma cordilheira desarborizada por um excesso de veados não consegue reconstituir-se em tantas outras décadas.

O mesmo se passa com as vacas. O vaqueiro que livra a sua cordilheira dos lobos não compreende que está a impedir a tarefa do lobo de desbastar a manada por forma a que ela se adapte à cordilheira. Ele não aprendeu a pensar como uma montanha. É por isso que temos áreas desertas devido à erosão, e rios que arrastam o futuro para o mar. "

(Leopold, 2008: 128-131).

Há em Aldo Leopold uma atenção especial à "natureza selvagem". Afirma o autor: "Na natureza selvagem reside a salvação do mundo. É talvez esse o significado escondido do uivo do lobo, há muito conhecido das montanhas, mas raramente vislumbrado pelos homens." (2008: 131).

Pensar como uma montanha é pensar de forma holística, de forma integrada e integradora. Pensar como uma Montanha é ver do alto e sentir a partir da base. É pensar com visão. Este é um desafio para um desenvolvimento sustentável, que reconcilie o homem com a natureza. Essa é uma atitude cultural renovadora de sentido. É preciso, de novo, pensar de modo sistémico, num sentido aberto, em que tudo está em interconexão com tudo. Isto é verdade até na ecologia das relações humanas. Tudo o que dizemos e fazemos, de bom ou de mau, têm efeitos e consequências. É tempo de escolher o bem. O Bem expande-se naturalmente. Com a Natureza também aprendemos a ser.

A educação ambiental é integralmente axiológica. Para ela concorrem muitos valores: políticos, éticos, estéticos, económicos, culturais, religiosos, numa dimensão plural e humana. Temos todos um compromisso com a Terra. A terra é vida. Nela tudo se desintegra e nela cresce vida para a nossa vida. A Terra é a nossa condição. Até de purificação.

Hoje as questões ambientais penetram todos os aspectos da nossa vida. Temos hoje consciência de que os bens vitais são escassos, como por exemplo a água e a energia.

Em 1993, o Conselho Nacional de Educação promoveu um colóquio sobre *Educação Ambiental*. Nesse Colóquio, João Joanaz de Melo, na altura coordenador do GEOTA (Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente), afirmou: "a Educação Ambiental não pode ser entendida, de maneira nenhuma, como uma disciplina à parte. Tem que ser uma segunda natureza das pessoas, uma parte essencial da educação geral" (Melo, 1995: 88).

As problemáticas da Educação Ambiental para produzirem efeitos positivos e preventivos devem promover a cidadania. Neste sentido, afirma João Joanaz Melo: "Enquanto cidadãos somos todos motores de alteração do nosso Ambiente, e inclusivamente, factores de pressão sobre as próprias autoridades e sobre o meio que nos rodeia. Portanto, uma filosofia permanente de inquirição e de iniciativa é absolutamente indispensável. Isto liga-se a outro aspecto - é que se pretende desenvolver este tipo de capacidades numa educação global, as questões ambientais são particularmente adequadas ao seu desenvolvimento exactamente porque têm esta perspectiva de intervenção no meio ambiente."

No debate sobre Educação Ambiental, promovido pelo CNE, Carlos Pimenta defendeu que a Educação Ambiental "terá três níveis de resultados - um a título individual, outro relativo à inserção da pessoa na colectividade e na região, e outro a nível nacional e mesmo supra-nacional".

Ao nível da dimensão individual da Educação Ambiental, Carlos Pimenta afirma: "penso que a descoberta da beleza da natureza e da harmonia tem que vir a par da educação para a arte e para a estética, da abertura ao sublime". Isto implica ter uma "nova atitude perante a vida". Afirma ainda Carlos Pimenta: "Gente que consegue emocionar-se perante uma árvore derrubada, perante uma paisagem, é gente que depois está aberta a ter comportamentos conscientes enquanto consumidor votante e, porque não, activista" (Pimenta, 1995: 153).

Em relação ao segundo nível, isto é, "o da pessoa na colectividade", afirma o mesmo autor a determinada altura: "Portanto, a Educação Ambiental, neste segundo nível, tem que levar a pessoa não apenas a lutar por causa da pedreira, do rio, porque querem destruir o litoral, porque deitam abaixo uma árvore centenária e porque essa pessoa vê e se sente agredida, mas também tem que a levar a inquietar-se sobre o que

é o património natural da sua terra, a sua história, conseguir perceber a interrelação entre o património natural e as actividades humanas ao longo dos séculos, ou como é que os homens resolveram os seus problemas de adaptação ao ambiente." (Pimenta, 1995: 155). Neste segundo nível, o cidadão poderá "participar na discussão de um Plano Director Municipal, de um Plano de Ordenamento, de um Plano de Gestão Urbanística, ter voz activa na Assembleia Municipal ou ligar-se a uma associação local." (Pimenta, 1995: 155).

O terceiro nível a que se refere Carlos Pimenta diz respeito "aos problemas mais globais". Por isto defende "o importante é o problema do sistema global, da análise sistémica de um planeta que está em ruptura". E acrescenta: "E está em ruptura por uma série de factores como a acumulação persistente nos ciclos naturais de substâncias tóxicas persistentes. Está em ruptura porque a transformação da atmosfera é mais rápida nos últimos 100 anos do que nos últimos 100.000; está em ruptura porque há 25% das espécies que desapareceram nos últimos 100 anos, ou seja,  $\frac{1}{4}$  de toda a vida na terra está em vias de desaparecer e as pessoas têm que perceber que fazem parte dum barco único, que só há uma Terra, e que há conceitos planetários e globais que ultrapassam uma visão apenas local ou nacional ou de conceitos de soberania estabelecidos no Direito Internacional e que têm que ser também postos em causa." (Pimenta, 1995: 156).

Na sua intervenção no referido debate, Carlos Pimenta afirmou: "O que é preciso é realmente enriquecer a participação cívica, a relação associativa entre as pessoas". E concluiu a sua intervenção dizendo: "Portanto, para mim, esta descoberta do Ambiente, tanto quanto a da Arte, da Estética e doutras dimensões da vida, é uma descoberta que nós temos que transmitir aos nossos alunos e aos nossos jovens e, depois, a seguir, procurar tê-los como cidadãos activos e não apenas como passivos" (Pimenta, 1995: 158).

(CNE, 1995: 200-201)

Todos temos de contribuir para um melhor ambiente. Nas escolas, nas famílias, nas associações ambientais e cívicas. A Associação Amigos dos Açores tem contribuído de modo notável e exemplar para promover uma autêntica educação ambiental. A sua acção deve contribuir decisivamente

te para as políticas de ambiente nos Açores. É uma Associação com provas dadas. São, de facto, Amigos dos Açores. A sua voz isenta deve ser escutada e ter pleno acolhimento nas decisões que dizem respeito ao Ambiente dos Açores e nos Açores.

A ética ambiental deve fazer parte integrante da nossa consciência cívica. A educação tem de ser integral e íntegra para que não seja o que teme Aldo Leopold: "A educação, é esse o meu receio, consiste em aprender a ver uma coisa tornando-nos cegos para outra" (2008: 152). A educação tem de ser uma tarefa de lucidez e um compromisso com a verdade, tem de promover em nós a capacidade de ver em várias perspectivas para que não aconteça o "receio" legítimo de Aldo Leopold. Como ninguém sabe tudo, nem pode abarcar tudo ao mesmo tempo, temos de desenvolver a interdisciplinaridade, no contexto escolar, e o diálogo interpessoal em todos os contextos educativos. As questões do ambiente são complexas e dizem respeito a todos. Daí a necessidade de o ambiente constituir uma tarefa fundamental da educação.

Todo o livro *Pensar como uma Montanha* é culminante nas questões éticas mais claramente numa "ética da terra" que sendo da terra é também do ser humano.

Para Aldo Leopold, as "plantas", os "animais" e os "solos" são os "instrumentos da grande orquestra" (2008: 148). A terra equilibrada é uma sinfonia. A terra está desafinada, está em ruído, perdeu o equilíbrio ambiental e ecológico. Repare-se que mesmo em termos de relação humana o quanto é importante um "bom ambiente". Vivemos sob o signo da violência e da agressão. É tempo de regressar à Paz e ao equilíbrio dinâmico. Curiosamente, este regressar não é um voltar atrás, é um passo em frente, é o caminho da construção do futuro.

Aldo Leopold fala de uma "estética da conservação". É belo conservar. O desperdício custa caro.

Temos de mudar de paradigma e regressar à terra. Afirma Aldo Leopold:

"Com excepção do amor e da guerra, poucos empreendimentos são iniciados com uma tal entrega, ou por tão grande diversidade de indivíduos, ou por uma mistura tão paradoxal de apetite e altruísmo, como esse conjunto de ocupações conhecido por lazer ou recreio ao ar livre. Por consenso geral, é bom para as pessoas regressarem à natureza." (2008: 159).

Numa sociedade industrializada tem um eco especial as afirmações de Aldo Leopold: "Para quem procura nos bosques e montanhas apenas aquilo que poderia também obter viajando ou jogando golfe, a situação presente é tolerável. Mas para quem procura algo mais, o recreio ao ar livre tornou-se um processo auto-destrutivo de procurar sem nunca verdadeiramente encontrar, uma enorme frustração da sociedade mecanizada" (2008: 159). E mais adiante afirma: "O Homo sapiens já não se contenta com a rotina à sombra da sua própria vinha e figueira; ele verteu no seu depósito de gasolina a força motora armazenada de inúmeras criaturas que aspiram, desde épocas mais remotas, a abrir caminho serpenteando agitado através de novas pastagens. Como formiga, ele enxameia os continentes." (2008: 160).

Perante a valorização da "natureza selvagem" como contrapeso ao desaparecimento de espécies, Aldo Leopold valoriza, todavia, os vestígios. Por isso afirma: "Ninguém hoje vivo voltará a ver a pradaria de ervas altas, onde um mar de flores lambia os estribos do pioneiro. Já não será mau se encontrarmos aqui e ali uma amostra recôndita onde as plantas da pradaria possam ser conservadas vivas como espécies" (2008: 178). Mais adiante adverte: "Ninguém hoje vivo voltará a ver os pinhais virgens dos Estados dos Grandes Lagos, ou os bosques planos da planície costeira, ou os bosques de folhosas gigantes; quanto a esses, teremos que contentar-nos com amostras de uns poucos hectares." (2008:178). É, portanto, perceptível o fascínio de Aldo Leopold pela "natureza selvagem".

Afirma Aldo Leopold: "A capacidade de apreender o valor cultural da natureza selvagem reduz-se, em última análise, a uma questão de humildade intelectual. O homem moderno de mente artificial, que perdeu o seu enraizamento na terra, julga que descobriu já o que é importante; ele é do género de palrar de impérios, políticos ou económicos, que hão-de durar mil anos. Só o estudioso compreende e aprecia que toda a história consiste em sucessivas excursões a partir de um único ponto de partida, ao qual o homem regressa uma e outra vez para organizar mais uma busca com vista a uma escala de valores. Só o estudioso compreende por que razão a crua natureza selvagem confere nitidez e significado à aventura humana." (2008: 187).

Por outro lado, Aldo Leopold fala-nos dos "sintomas de doença da terra" e adverte-nos: "Em geral, os indícios tendem a mostrar que na terra, exacta-

mente como no corpo humano, os sintomas podem manifestar-se num órgão e a causa residir noutra. As práticas a que hoje chamamos conservação da natureza são, em larga medida, paliativos tópicos à dor biótica. São necessárias, mas não devem ser confundidas com verdadeiras terapias. A arte de medicar a terra está a ser praticada vigorosamente, mas a ciência da saúde da terra está ainda por nascer."(2008:183).

No livro *Pensar como uma Montanha*, Aldo Leopold fala na "dor biótica". Se as nossas lagoas, as lagoas dos Açores, falassem fariam ouvir o seu grito de dor: *salvem-nos!* Salvem-nos desta "agonia", desta "morte lenta". Não tem havido cegueira, insensibilidade ou incapacidade política para enfrentar essa realidade? Sem as nossas lagoas, os Açores, S. Miguel em concreto, não será o mesmo. A Terra não será a mesma. A responsabilidade educacional face à Natureza cumpre-se em qualquer parte do Mundo onde haja problemas ambientais.

Esta é uma responsabilidade ética que nos cabe a nós, açorianos. Em todo o mundo há dores bióticas. É preciso que todos e cada um contribua para salvar o Planeta azul.

Quão actuais são estas afirmações de Aldo Leopold: "O desaparecimento de espécies vegetais e animais sem causa visível, apesar dos esforços para as proteger, e a irrupção de outras sob forma de pragas apesar dos esforços para as controlar, têm que ser considerados, na ausência de explicações mais simples, como sintomas de doença desse organismo que é a terra." (2008:182).

Ver e sentir a terra como um organismo é um indicador muito importante - decisivo até - para equilibrar, de modo harmonioso e sapiencial, o betão com os espaços verdes. Cada vez mais na arquitectura urbana são necessários pulmões verdes que nos façam respirar. O ar puro não tem preço quando à nossa volta se avoluma a poluição. Actos cívicos podem e devem tornar-se actos ecológicos.

O próprio Aldo Leopold fala-nos de "plantações florestais", "microflora do solo", "fisiologia da terra", entre outras expressões, que nos indicam as suas genuínas preocupações ecológicas.

É de relevar o facto de Aldo Leopold considerar a terra "como comunidade". É um conceito que modifica o sentido ético tradicional que coloca o ser humano em interacção com os outros seres.

A "ética da terra" não se deixa anexar a uma perspectiva economicista. Diz Aldo Leopold: "Ainda não temos uma ética da terra, mas pelo menos aproximámo-nos do ponto em que admitimos que os pássaros deveriam continuar a existir por uma questão de direito biótico, independentemente da presença ou ausência de vantagens económicas para nós"(2008:195).

Na óptica de Aldo Leopold há que considerar a "Pirâmide da Terra", que é uma "pirâmide biótica". Neste sentido, "A forma piramidal do sistema reflecte essa progressão numérica do cume para a base." Como refere o próprio Aldo Leopold: O homem partilha uma camada intermédia com os ursos, os guaxinins e os esquilos, que comem tanto carne como vegetais"(2008: 199).

Ainda sobre a terra, afirma Aldo Leopold: "A terra, portanto, não é meramente solo; ela é um fonte de energia que flui através de um circuito de solos, plantas e animais. As cadeias alimentares são os canais vivos que conduzem a energia para cima"(2008:199).

A exploração do homem sobre a terra tem de ser regulada. É aliás curioso que já em 1949 Aldo Leopold falava na "agricultura biológica".

O livro, na sua versão portuguesa, intitula-se *Pensar como uma Montanha*. Nas seguintes afirmações podemos encontrar também elementos de sentido para a compreensão desta expressão: "o homem conquistador *versus* o homem cidadão biótico; a ciência que afia a sua espada *versus* a ciência holofote apontado ao universo; a terra escrava e serva *versus* a terra organismo colectivo." (2008: 205). A "ciência holofote" escuta a natureza, não lhe impõe modelos técnico-instrumentais controladores. Por outro lado a terra como "organismo" remete-nos para uma ética insatisfeita com o antropocentrismo e, pelo contrário, abre-se a uma ética ecocêntrica.

Face ao diagnóstico já na altura feito por Aldo Leopold, urge uma relação vital com a terra. Afirma o autor: "O homem moderno típico está separado da terra por numerosos intermediários, e por inúmeras bugiganças mecânicas. Não tem uma relação vital com a terra; para ele, ela é o espaço entre cidades onde crescem culturas agrícolas."(2008: 2005).

No livro *Pensar como uma Montanha* abre-se caminho para uma "filosofia dos valores". É interessante o discurso de Aldo Leopold, em primeira

pessoa: "É para mim inconcebível que uma relação ética com a terra possa existir sem amor, respeito e admiração por ela, e uma elevada consideração pelo seu valor. Por valor, quero obviamente dizer algo muito mais amplo do que o mero valor económico; quero dizer valor no sentido filosófico."(2008: 2005).

Como vemos, é um livro onde também se aprende filosofia com um investigador cujo domínio é a silvicultura, diplomado em ciências florestais. Também aí já podemos vislumbrar uma interdisciplinaridade, pelo menos implícita, e humildade de considerar que não é necessariamente na ecologia que se aprende e se sensibiliza as pessoas para as questões ambientais. Uma lição a seguir e que contraria a arrogância de alguns que pensam que as problemáticas ambientais são exclusivamente suas, do ponto de vista académico. Por isto entendo que a ética ambiental tem muito a ganhar desenvolvida numa matriz interdisciplinar cujo fundo é a educação e a Filosofia da Educação.

Neste contexto de reflexão, são visionárias e plenamente actuais as afirmações de Aldo Leopold: "A compreensão da ecologia não a encontramos necessariamente nos cursos que se intitulam de ecologia; é mais provável que a encontremos nos que se intitulam geografia, botânica, agronomia, história ou economia. E assim é que deve ser, mas, independentemente do rótulo, a formação ecológica continua a ser escassa."

Por outro lado, vejamos o desafio sapiencial que Aldo Leopold nos faz: "Analise cada questão em termos do que é certo ética e esteticamente, tanto quanto do economicamente vantajoso. Uma coisa é certa quando tende para preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica. É errada quando tende no sentido oposto". (2008: 206).

São ainda do maior alcance educativo as afirmações: "A maior parte de todas as relações com a terra depende de investimentos de tempo, previsão, capacidade e fé mais do que investimentos em dinheiro. No que se refere à utilização da terra, somos o que pensamos." (2008: 206). Uma vez mais, pensar como uma montanha ajuda a ter uma visão global, integrada e também local. Pensar como uma montanha implica ter uma percepção enraizada mas com alcance para o longe.

As reflexões de Aldo Leopold desencadeiam as nossas reflexões sobre a ética. De um modo breve, procuremos esclarecê-las.

As questões do ambiente têm suscitado muitas outras reflexões no domínio da ética, embora, do nosso ponto de vista, nem todas elas se possam equivaler. As éticas clássicas, de um modo ou de outro, referenciam e referenciam-se à dimensão antropológica. Por exemplo, a problemática da responsabilidade é geralmente referenciada ao outro como pessoa, mesmo que seja o "outro totalmente outro", na expressão de Levinas. A alteridade é tendencialmente antropológica, pressupondo a relação do eu com o outro. Afirma Levinas: "a alteridade do Outro, aqui, não resulta da sua identidade, mas constitui-a: o Outro é Outrem" (Levinas, 1988:229).

A reflexão sobre as questões ambientais levam a reperspectivar a problemática da alteridade. De facto, temos uma relação com o mundo, com a natureza, e somos responsáveis pelo modo como agimos e actuamos no mundo físico, na natureza. De alguma forma, a natureza assume um novo estatuto que deriva da sua profunda ontologia. De alguma forma é nesta linha que surgem as "éticas ecocêntricas", que se distinguem da ética de pendor antropocêntrico da civilização ocidental.

Neste sentido, parecem-nos pertinentes as afirmações de José Caride e Ángel Meira no livro *Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano*: "Os autores que encaram a crise ambiental desde o terreno da moral coincidem na necessidade de rever - com menor ou maior radicalidade - a ética antropocêntrica que legitima o domínio e a exploração da natureza pelo homem. A orientação antropocêntrica da ética ocidental foi o resultado da separação entre o sujeito e o objecto que impôs o dualismo cartesiano". Mais adiante afirmam os autores:

"O antropocentrismo está implícito, por exemplo, na noção de progresso, justificando a ocupação, colonização e transformação maciça do mundo nos altares da Revolução Industrial. Nos limites do sujeito, consciente e pensante, do homem, ficou confinado o mundo dos interesses, os valores e os direitos. Tudo o não humano, incluindo outras formas de vida, foi excluído da atribuição de valores e, por conseguinte, da consideração moral. A ética antropocêntrica é a ética que só valoriza o homem, que considera que os seus interesses são mais importantes que os de qualquer outra espécie; que são, na realidade, os únicos importantes."

(Caride & Meira, 2004: 255)

Estas concepções têm sido lentamente trabalhadas por epistemólogos e pensadores ao longo das últimas décadas. Os trabalhos de Edgar Morin são disso um claro exemplo. Desde há muito tempo que Edgar Morin vem defendendo a necessidade de relação integral do Homem com a Natureza.

O "paradigma perdido", tematizado por Edgar Morin, dá conta das consequências nefastas dessa dualidade e do afastamento do Homem em relação à Natureza.

Retomando as reflexões de José Caride e Pablo Meira, consideramos relevantes as seguintes afirmações dos autores:

"A revisão dos parâmetros éticos ocidentais, relativos à posição do homem *na* ou *diante* da natureza, surge, portanto, de uma obrigação contraída com a necessária reconceptualização da sua própria singularidade antropológica. Neste sentido não poderá obviar-se que as alternativas ao discurso moral antropocêntrico - num adiantado "antropocentrismo duro" - podem classificar-se em duas modalidades principais, atendendo a uma suposição fundamental: a permanência do homem como único sujeito moral, porém assumindo responsabilidades com o meio ambiente que entende como um suporte vital para a sua existência (éticas extrínsecas, éticas ambientais); e a consideração de que todas as formas vivas ou a totalidade ecossistémica têm categoria moral *per se*, de modo tal que, pelo simples facto de existir, todas são depositárias do mesmo valor (éticas intrínsecas, éticas ecológicas" (Caride & Meira, 2004: 256-257).

As reflexões sobre o ambiente têm levado alguns autores a defenderem uma "ética biocêntrica" e uma "ética holística ou ecocêntrica". Mas bem vistas as coisas, não será substituir uma forma de centrismo por outro centrismo, não se realizando aquilo que é fundamental, isto é, o equilíbrio ético entre o homem e a natureza, até porque, em bom rigor, como lembra Morin, o homem faz parte do ecossistema? No entanto, é preciso nunca esquecer que o ser humano é um ser intrinsecamente espiritual, cultural e ético. Por tudo isto, longe de ser um dominador da terra, - embora a explore -, o ser humano deve ser um sujeito que convive também com a terra, na terra, e por ela também é responsável. Tudo isto também é cultura e factores de educação. O ser humano também aprende com as coisas e com a natureza. É, no fundo, uma eco formação. Também somos educados pela Natureza e com ela (re)aprendemos que somos frágeis e dependentes. Precisamos de Ética. É um claro sinal de cultura este cuidado ético com a Natureza. A ética está, pois, no centro da educação e esta tem, cada vez mais, uma profunda dimensão ambiental.

Edgar Morin fala-nos da "Terra-Pátria" e da "cidadania terrena". Estas expressões estão em sintonia com o novo sentido de comunidade de que nos fala Aldo Leopold.

Estamos, pois, perante uma (re)emergência da consciência ecológica. Constatamos que, afinal, "vivemos no mesmo barco", na expressão metafó-

rica de José Ribeiro Dias. Cabe-nos, a todos, salvar esta Terra, este barco, onde vivemos. Temos de conservar e preservar a Natureza. Por tudo isto, o ambiente é um desafio mas também uma necessidade. Somos mais e vivemos melhor com um Ambiente de Qualidade. Mas esta é uma tarefa para todos, cidadãos, instituições, Estados e governos.

Na actualidade, as alterações climáticas e o aquecimento global constituem fortes preocupações para diferentes Estados, a nível mundial. A própria União Europeia está empenhada nesta tarefa de combate à emissão de "gases de efeito de estufa para a atmosfera" que constitui uma real ameaça para o homem e para a natureza.

Na noção de "Ambiente" está presente a interconexão entre os diversos elementos que compõem e interagem nos "sistemas". Essa tomada de consciência implica um "olhar axiológico" face à Natureza; esse olhar é mediado por valores, concepções e percepções. Se queremos promover uma verdadeira educação ambiental, temos de saber actuar a esse nível. No fundo, a educação é indicadora de valores e expressa-se em atitudes, neste caso face à Natureza e ao Meio Ambiente.

Ao educarmos a nossa forma de olhar e transformar eticamente a Natureza, estamos a realizar uma ecologia que transporta consigo um cuidado e respeito promotores de um equilíbrio entre uma dimensão natural e uma dimensão cultural. Assim, a Natureza é modificada por nós mas também nos transforma qualitativamente. Para além de um olhar económico, passamos a ter outros olhares, em especial um *olhar axiológico*, um *olhar valorativo*. Olhamos e valoramos. Isto é profundamente educativo. Toda a educação deve nascer de um autêntico *olhar axiológico*. Foi assim no Princípio dos Tempos. Está escrito no Livro dos *Génesis*, como vimos: "Deus viu que isto era bom". (*Génesis* 1, 11-12)

Esse foi o Olhar Original e Axiológico de Deus. Talvez hoje seja preciso recrear, à escala humana, mas também numa dimensão divina, esse sentido primeiro. Esse momento fenomenológico de pura claridade, no qual se fez Luz, antes de toda a criação.

Talvez o nosso problema seja um problema de ver como nos lembra tantas vezes Vergílio Ferreira. No caso que nos ocupa, o ver radicalmente a ameaça do Planeta Terra e com ele a espécie humana, este último aspecto tão visível ao autor do livro *Aparição*.

Vem do fundo dos Tempos dos *Génesis* a "erva verde que a terra produzir". O Mundo nasceu ecológico, por vontade de Deus. Terá o Homem sabido interpretar o mandamento original: "Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra"? Uma questão que, numa perspectiva laica ou religiosa, nos coloca no caminho do pensar, da civilização e da cultura contemporâneas.

As questões ambientais parecem que são só dos nossos dias. Mas, por exemplo, com São Francisco de Assis (1181-1226) já encontramos um forte apreço pela Natureza e pelos animais. Afinal, o que são questões contemporâneas? Não serão aquelas que, sendo de ontem, de hoje e de amanhã, nos interpelam aqui e agora?

À Verdadeira Educação e Cultura nada é estranho, muito menos as problemáticas do Ambiente.

É preciso que a ambição do imediato, a exploração irreflectida e a ânsia do lucro não provoquem a secura ambiental no Planeta Terra. Parece que as leis da Natureza se alteraram. Alterou-se, de alguma forma, a noção de estações do ano, com todo o sentido de regularidade e previsibilidade que daí advinha. A chuva e a seca atingem muitos pontos do globo quando menos se espera.

É fundamental uma educação ambiental que envolva os cidadãos, os países e os diversos organismos em termos locais, regionais, nacionais, europeus e mundiais. Estamos numa era de corresponsabilidade. Todos são responsáveis perante todos, de modo especial os países que mais contribuem para a poluição da atmosfera. Precisamos de ar puro para respirar e para sobreviver. Urge antecipar o futuro e ver as consequências locais e universais das nossas acções e omissões face à Natureza. A Natureza deixou de ser um ente exterior, que está do lado de fora. A Natureza é também a nossa Casa, na qual se radica a nossa habitação global. Somos seres integrais e estamos na Natureza, fazemos parte dela. O modo como a vemos é parte essencial da nossa Cultura e do compromisso face ao Futuro. Olhar a Natureza e preservá-la é já um acto cultural pelo qual os humanos são responsáveis.

É urgente uma forte solidariedade social e ecológica. Os Açores, como um lugar de intersecção entre o Local e o Universal, são um conjunto de centros e periferias em interacção ecológica e humana. Urge conservar o

justo equilíbrio ambiental desta Região no meio deste Oceano Atlântico. O mesmo dirão outros cidadãos de outras partes do Mundo. Somos seres situados e universais. Cada pedaço do torrão que abraçamos é uma parcela do Universo que habitamos. Com ela ou sem ela, ficamos, respectivamente, mais ricos ou mais pobres.

Tudo isto exige responsabilidade ambiental. Neste sentido, é preciso fazer da educação uma prioridade para todos e da ética ambiental uma necessidade a cultivar. É tempo de agir, numa atitude de cidadania activa. É tempo de Ser Responsável, sempre.

Somos responsáveis em relação à Natureza. Somos todos responsáveis pela construção de um ambiente saudável e de um futuro respirável. Por tudo isto, a educação ambiental é uma tarefa para todos, um desafio de cidadania inadiável e inalienável. É uma questão de ética que a todos diz respeito.

Em cada Local somos peregrinos do Universal, peregrinos do Céu que fizemos na Terra!...

Pensar como uma Montanha é enraizar-se no local e ver o universal, é, afinal, uma ética para o presente e para o futuro.

Pensar como uma Montanha é sentir a natureza e procurar a harmonia de SER, de ir sendo em educação.



# Bibliografia

- BÍBLIA SAGRADA (1982). *Génesis*. Lisboa: Difusora Bíblica. (10ª Edição).
- CARIDE, José António & MEIRA, Pablo Ángel (2004) *Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LEOPOLD, Aldo (2008). *Pensar como uma Montanha*. Edições Sempre-em-Pé.
- LEVINAS, Emmanuel (1988) *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- MEDEIROS, Emanuel Oliveira (1998) Intersubjectividade e Ética Educacional: um Encontro na Relação Pedagógica. In DIAS, José Ribeiro & ARAÚJO, Alberto Filipe [Organizadores]. *Filosofia da Educação. Temas e Problemas*. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- MELO, João Joanaz In CNE (1995) *Educação Ambiental. Actas do Colóquio*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MORIN, Edgar (1999) *La Tête Bien Faite. Repenser la réforme. Réformer la pensée*. Éditions du Seuil. Trad. Port. (2002). *Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. A Cabeça Bem Feita*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MORIN, Edgar (2000) *Les sept Savoirs nécessaires à l'Éducation du Futur*. Paris : Seuil. Trad. Port. (2002). *Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PIMENTA, Carlos In CNE (1995) *Educação Ambiental. Actas do Colóquio*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.



# Ficha Técnica

TÍTULO Pensar como uma Montanha, de Aldo Leopold:  
Um caminho de Educação e Ética Ambiental

AUTOR Emanuel Oliveira Medeiros

EDIÇÃO Amigos dos Açores - 2008

DEPÓSITO LEGAL

PAGINAÇÃO Vanessa Branco

FOTOGRAFIA Sérgio Diogo Caetano

IMPRESSÃO Nova Gráfica, Lda.

TIRAGEM 250







AMIGOS DOS AÇORES